

EDUCAÇÃO MATEMÁTICA SEM FRONTEIRAS: Pesquisa em Educação Matemática

AS SOCIEDADES CIENTÍFICAS E A PROFISSIONALIZAÇÃO DA DOCÊNCIA SEGUNDO A NOÇÃO DE CAMPO DE BOURDIEU: O exemplo da SBEM e a consolidação do campo da Educação Matemática

SCIENTIFIC SOCIETIES AND THE PROFESSIONALIZATION OF TEACHING ACCORDING TO BOURDIEU'S NOTION OF THE FIELD: The example of SBEM and the consolidation of the field of Mathematics Education

Alexandre Lauriano Copelli ¹

Resumo

Com o tema da noção de campo em Pierre Bourdieu, esse estudo delimita-se a investigar o papel das sociedades científicas para a profissionalização docente, com ênfase no campo da Educação Matemática, procurando responder ao seguinte questionamento: qual a importância das sociedades científicas educacionais para o estabelecimento do campo da docência e sua profissionalização? Uma questão ligada ao objetivo de compreender como a noção de campo explica o processo de profissionalização da docência em matemática. Essa pesquisa se justifica pela necessidade de ampliação dos estudos acerca da profissionalização docente, uma vez que essa área sofre com grande desvalorização cultural por não conseguir afirmar seus objetos específicos de estudo e seu espaço dentro do campo social. Para responder a isso, utilizou-se a metodologia de revisão bibliográfica. Como conclusão, verificou-se que a profissionalização de um campo requer a definição de um objeto específico de estudo e a institucionalização da profissão a partir de entidades que detenham o direito exclusivo de formar os trabalhadores e autonomia para trabalhar com o objeto que compõe o seu campo de estudo, algo que ainda não está presente no campo da docência e que pode ser conquistado junto ao trabalho de sociedades científicas.

Palavras-Chave: Profissionalização da Docência; Campo em Bourdieu; Sociedades Científicas.

Abstract

With the theme of the notion of field in Pierre Bourdieu, this study is limited to investigating the role of scientific societies for teacher professionalization, with an emphasis on the field of Mathematics Education, seeking to answer the following question: what is the importance of educational scientific societies for the establishment of the teaching field and its professionalization? A question linked to the objective of understanding how the notion of field explains the process of professionalization of mathematics teaching. This research is justified by the need to expand studies on teaching professionalization, since this area suffers from great cultural devaluation due to its failure to affirm its specific objects of study and its space within the social field. To answer this, the bibliographic review methodology was used. As a conclusion, it was found that the professionalization of a field requires the definition of a specific object of study and the institutionalization of the profession from entities that hold the exclusive right to train workers and the autonomy to work with the object that makes up their field. field of study, something that is not yet present in the field of teaching and that can be achieved through the work of scientific societies.

Keywords: Professionalization of Teaching; Field in Bourdieu; Scientific Societies.

¹ Mestrando em Educação: Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, e-mail: ale_copelli@hotmail.com.

Introdução

O presente estudo, sob a temática ampla da noção de campo em Pierre Bourdieu, delimita-se a investigar a aplicação deste conceito na compreensão do papel das sociedades científicas para a profissionalização docente, com ênfase no campo da Educação Matemática. Diante disso, procura responder à seguinte questão: qual a importância das sociedades científicas educacionais para o estabelecimento do campo da docência e sua profissionalização?

Como objetivo geral, busca-se compreender como a noção de campo explica o processo de profissionalização da docência em matemática. Um objetivo que se desdobra em outros três específicos, a saber: (1) descrever a noção de campo em Bourdieu; (2) compreender o processo de profissionalização da docência em matemática e a necessidade de definição de seu objeto de estudo; (3) compreender como as sociedades científicas educacionais auxiliam na criação dos campos docentes, apresentando um exemplo de entidade no campo da Educação Matemática.

Essa pesquisa se justifica pela necessidade de ampliação dos estudos acerca da profissionalização docente, uma vez que essa área sofre com grande desvalorização social, por não conseguir afirmar seus objetos específicos de estudo e seu espaço dentro do campo social. Algo que, para ser modificado, precisa estar calcado em entidades que deem suporte à pesquisa e à formação, bem como realizem atividades de divulgação científica para ampliar o respeito social da área.

Neste contexto, as sociedades científicas desempenham um papel importante ao estimular pesquisas, criar debates e proporcionar análises críticas nas diversas áreas da docência, como é o caso da Educação Matemática. Além disso, essas entidades atuam para fortalecer o poder dos educadores matemáticos no campo de forças do ensino, articulando-se politicamente frente às discussões educacionais do país, oferecendo pareceres às leis educacionais e medidas governamentais.

Para responder à questão colocada, esse estudo utilizou a metodologia de revisão bibliográfica, valendo-se de livros e estudos científicos da área de Educação, História da Educação, História da Educação Matemática e Sociologia. Além de livros de referência na área, foram pesquisados estudos on-line nos sites Google Acadêmico e Scielo, priorizando-se apenas estudos publicados em língua portuguesa.

A noção de campo em Pierre Bourdieu

Para compreender o papel das sociedades científicas na profissionalização docente, em especial no campo da Educação Matemática, foco deste estudo, é preciso primeiramente entender que essas entidades operam dentro de um campo social complexo e beligerante, conforme estabelecido por Bourdieu.

A noção de campo, ou Teoria do Campo Social, é um conceito-chave da teoria sociológica desenvolvida por Pierre Bourdieu (1930-2002), a qual oferece uma abordagem complexa e profunda das relações de poder e das dinâmicas sociais. Teoria essencial para a compreensão dos campos de saber da profissão docente e das dinâmicas envolvidas em sua profissionalização, tema do presente artigo.

Segundo Bourdieu (1996), campo social é um espaço estruturado por agentes e organizações burocráticas, nas áreas científicas, artísticas, políticas, acadêmicas, dentre outras. Assim, o espaço social, sendo um local de disputa de visões e vontades diversas, é construído pelos conflitos entre os agentes sociais que nele habitam, a partir das relações e dinâmicas de poder estabelecidas entre eles em uma guerra por espaço, o que é inevitável, já que cada agente ocupa posições distintas no espaço e lutam entre si pelo fortalecimento do seu campo.

A partir dessas lutas por mais espaço social, articulam-se as diferentes formas de distribuição do capital e do poder, mediados pelos *habitus*, que são as consolidações desses espaços de poder na cultura, ou seja, *habitus* são construções sociais possivelmente mutáveis, mas que tendem a durar algum tempo por força da cultura e da pressão dos grupos que ganham poder e espaço social por meio dele, estabelecendo modos específicos de pensar, sentir e agir, durante o tempo em que permanecer socialmente válido (BOURDIEU, 1983b).

Ortiz (1983), na introdução do seu livro sobre a sociologia de Bourdieu, explica que o autor recupera a velha ideia escolástica de *habitus* como sendo a dimensão de um aprendizado passado. Com efeito, a escolástica entendia por hábito um *modus operandi*, uma disposição estável para se operar em uma determinada direção, criada a partir da repetição, onde o hábito se tornava uma segunda dimensão do homem.

Todas as pessoas e instituições operam por *habitus* e ajudam na sua criação e manutenção, não possuindo sobre ele domínio consciente. Por isso, o *habitus* é ao mesmo tempo estruturado e estruturante, exteriorizado e interiorizado. Em outras palavras, ele é

um “sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, funcionando como princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações” (BOURDIEU, 1976, apud ORTIZ, 1983, p. 15).

A consolidação de um *habitus* se dá pelas instâncias produtoras de valores, como são os casos da escola, da família, da mídia e etc., criando condensações da história incorporada e inscrita na mente e no corpo das pessoas, nas mais diferentes áreas da sociedade (BOURDIEU, 1983b). Como é o caso da profissão docente, que tem seu *habitus* particular, sendo vista pela sociedade, e pelos próprios professores, a partir de uma visão culturalmente estabelecida e perpetuada, criando assim um campo específico.

O campo, na teoria de Bourdieu (1986a), pode ser definido como um espaço social estruturado e autônomo, no qual atores individuais e coletivos competem e interagem de acordo com as regras e os recursos específicos desse campo, que não são meramente locais físicos ou instituições, mas também estruturas sociais abstratas que se organizam em torno de diferentes domínios de atividade social, como a política, a economia, a arte, a educação e outros.

Cada campo tem suas próprias regras, valores e hierarquias internas, que são construídas e mantidas pelos agentes que nele atuam, segundo os *habitus* estabelecidos naquele campo, em lutas simbólicas por espaço, reconhecimento, prestígio e poder. Essas disputas são travadas por meio de estratégias e práticas que buscam estabelecer posições de dominação e submissão dentro do campo. O sucesso nessa guerra simbólica depende tanto do capital econômico quanto do capital cultural e social que os seus agentes possuem (BOURDIEU, 1986a)

O campo não é um mero reflexo da estrutura social mais ampla, mas tem sua lógica e dinâmica próprias. Ele é um espaço de relativa autonomia, onde os agentes buscam reproduzir e transformar as relações de poder. Ao mesmo tempo, o campo está enraizado nas estruturas sociais mais amplas e é influenciado por elas mediante os *habitus*. Além disso, os campos estão interconectados e podem exercer influência uns sobre os outros, no que é chamado de campo de forças (BOURDIEU, 1996).

Com isso, verifica-se que a noção de campo de Bourdieu oferece uma abordagem profunda para entender as dinâmicas sociais, as lutas de poder e a construção das hierarquias dentro das diferentes esferas da atividade humana. Ela é especialmente útil para a compreensão dos campos de saber, das profissões e das vagas de trabalho por elas

criadas, sendo, em última instância, uma estrutura de reserva de mercado, uma ferramenta garantidora de empregos e de espaço social para grupos inteiros de pessoas.

Sobre esse aspecto de reserva de mercado, Bourdoncle (2022, p. 19) diz que os sociólogos e economistas críticos Weber, Schumpeter e Collins afirmavam que

[...] profissões são atividades que conseguem regular as condições do mercado a seu favor, limitando a obtenção de condições favoráveis a um pequeno número de eleitos: há um fechamento do mercado, que traz algumas vantagens (aumento da autonomia graças ao controle da oferta do serviço, aumento do seu valor de mercado). As profissões mais antigas e afortunadas (médicos, advogados) não se contentam com este monopólio.

Essa garantia de espaço social, e mesmo de vagas de trabalho, não ocorre apenas pela conservação do espaço simbólico de um determinado campo, mas também pela criação e manutenção de órgãos e entidades que ajudem consolidar, justificar e controlar os saberes e os espaços daquele determinado campo. Em resumo, uma profissão não terá o seu espaço e postos de trabalho resguardados apenas pela presença desta profissão no imaginário social (*habitus*), mas se entidades e associações de profissionais daquela área assim exigirem, tanto no âmbito social quanto no legal, lutando por seus direitos, uma vez que outros grupos tentarão sempre ganhar aquele espaço para si, dentro do jogo de poder dos campos sociais.

Tendo isto em mente, é preciso questionar como o campo da docência cria e mantém seus *habitus*, articulando-se na guerra contra outros campos de saber e de atuação profissional que procuram ocupar o seu lugar. Para isso, é preciso questionar como tem se dado a burocratização desse campo, a partir de entidades e organizações que procuram resguardar o seu espaço social, como é o caso das sociedades científicas voltadas para a educação.

A profissionalização da docência em matemática e seu objeto de pesquisa

Antes de pensar especificamente sobre a profissionalização da área docente, ou ainda da docência em matemática, é preciso analisar as definições históricas e sociológicas da profissionalização dos saberes, algo que, de acordo com Hofstetter e Schneuwly (2020), apresenta uma série de dificuldades, pois o termo “profissionalização” é, em si mesmo, controverso e historicamente determinado.

Além de conter forte carga normativa e prescritiva, o termo assumiu diferentes concepções no decorrer da História, desde a sociologia estrutural e funcional, onde estabeleceram-se as dimensões modernas e racionais do processo de profissionalização, até as abordagens histórico-críticas, a partir de onde foram enfatizadas as dimensões de prestígio, de monopólio e de poder, que estão ligadas ao termo até hoje (HOFSTETTER; SCHNEUWLY, 2020).

Por essas definições clássicas, a profissão docente se manifestaria como uma “semiprofissão”, justamente por não apresentar o prestígio, o monopólio e o poder social de outras profissões mais estabelecidas (HOFSTETTER; SCHNEUWLY, 2020). Isso porque a definição de uma atividade como “profissão” só ocorre após um longo processo de socialização e de criação de um *habitus* social, nos termos de Bourdieu

Essas definições clássicas de profissão, diz Machado (1995), estão de acordo com a visão de Durkheim, para quem a sociedade moderna nasce justamente da divisão do trabalho e da especialização dos saberes. O que deu origem a uma nova sociedade, industrializada e com novos valores liberais. Daí a importância, para essa nova sociedade, de se construírem campos profissionais bem estabelecidos e instituições que controlem esses campos dentro do novo jogo de poder social-liberal.

Ainda de acordo com Machado (1995), há consenso, pelo menos entre os principais teóricos da área (Moore, Wilesnky, Larson, Freidson), de que a existência de um corpo esotérico de conhecimento e a orientação para um ideal de serviços são dois atributos inquestionáveis para se definir profissão. Sendo que por corpo esotérico de conhecimentos entendem-se conhecimentos fechados, próprios apenas dos membros daquele campo, e obtidos a partir de objetos de pesquisa específicos, aos quais outros campos não tenham acesso.

Uma profissão seria um campo de saber relacionado a um trabalho ou ocupação específica, detendo um conhecimento especializado, tanto teórico quanto prático, além de um objeto específico de estudo, além de possuir um reconhecimento social e governamental, a partir da concessão de uma autonomia com relação às práticas e decisões tomadas por seus profissionais. Autonomia essa que não é observada no campo da educação, por exemplo, pelo fato de que políticos e profissionais de outras áreas, como a psicologia, têm mais poder de criar políticas e parâmetros curriculares e educacionais do que os próprios docentes.

A efetiva perda de autonomia é observada com particular acuidade através da análise da determinação dos conteúdos de ensino nos currículos, construídos com base em saberes elaborados menos pelos professores do que pelas ciências da educação, mais particularmente pela psicologia (HOFSTETTER; SCHNEUWLY, 2020, p.20).

Isso fere o *status* de profissão da docência, pois para tanto ela precisaria ter instituições firmes e capaz de chancelar quem é ou não um profissional habilitado para atuar em seu campo, possuindo um objeto de estudos bem delimitado e ainda autonomia completa sobre esse objeto e seu campo específico de saber.

Angelin (2010), analisando a história do processo de profissionalização, diz que ela é uma marca importante e distintiva das sociedades ocidentais modernas, já que é dentro da esfera profissional que se obtém a coesão social. Por isso a necessidade de que as mais variadas áreas se profissionalizem, fortalecendo os seus espaços, e, conseqüentemente, a ordem social capitalista e as estruturas de emprego e renda.

Essa visão está ligada às noções sociológicas funcionalistas, para a qual uma profissão é sempre superior aos ofícios e ocupações, uma vez que esses somente lidavam com os aspectos práticos do fazer profissional, enquanto que a profissão lidaria com o todo da articulação teórico-prática de um saber especificamente determinado (ANGELIN, 2010).

Diante da importância social da profissionalização das atividades, é preciso definir ao certo o que é ou não uma profissão, e o que são meros ofícios ou ocupações. Para isso, seria necessário observar uma superposição de elementos definidores e formadores do fazer profissional, sem os quais uma ocupação não poderia ser tida como uma profissão propriamente dita, uma vez que

[...] a existência de um corpo de conhecimento suficientemente abstrato e complexo para requerer um aprendizado formal prolongado; uma cultura profissional sustentada por associações profissionais; uma orientação para as necessidades da clientela e um código de ética." (DINIZ, 2001, p.20).

Ainda segundo a análise funcionalista das profissões, primeira visão sociológica sobre o tema, a profissionalização seria um mecanismo importante para a proteção e manutenção das próprias atividades profissionais (ANGELIN, 2010). Ela serviria como um meio de controle ocupacional, sem o qual qualquer pessoa poderia exercer qualquer atividade, afetando a qualidade dos serviços ou produtos e a garantia de vagas de emprego para aqueles profissionais

Outra visão sociológica do que seria uma profissão, para além do modelo funcionalista inicial, é a visão interacionista de Everett Hughes. Segundo essa abordagem, haveria duas noções básicas e essenciais para entender o fenômeno profissional: o diploma e o mandato (ANGELIN, 2010).

O diploma seria a licença ou autorização legal para exercer determinada atividade, enquanto que o mandato seria a obrigação legal de assegurar uma função específica, ou seja, não há profissão se não houver instituições competentes para proteger o diploma e assegurar o mandato dos seus membros, e também se esses profissionais não possuírem um saber inconfessável, que pessoas de fora da profissão não possuem (ANGELIN, 2010).

Sem a presença de saberes específicos, que somente a formação acadêmica naquela profissão pode oferecer, e sem a existência de organizações burocráticas que controlem a realização da atividade profissional em questão, oferecendo diploma e mandato, não haveria como garantir a existência de uma profissão (BOURDIEU, 2001). Diante disso, é preciso questionar em que medida a profissão docente se encaixa nessas definições.

Do ponto de vista da profissão docente, uma série de problemáticas podem ser levantadas, especialmente porque o seu objeto de estudo é controverso, e, com isso, suas instituições não têm força para garantir um espaço próprio no campo social. Assim, não é possível falar em mandato, pois não há um “saber inconfessável” que somente o professor detenha, e tampouco é possível falar em diploma, no sentido de que cada vez mais a formação docente é desnecessária para a prática do ensino. Afinal, hoje, falando da área específica de matemática, por exemplo, podem lecionar nos níveis básicos ou superiores portadores de diplomas diversos na área de exatas, como engenheiros ou profissionais da área de informática.

Essa permissão para que diversos profissionais atuem na docência pode ser observada pela nas alterações à BNCC trazidas pela Medida Provisória nº 746, de 22 de setembro de 2016, onde diz-se que o processo seletivo para professores deverá considerar as competências e habilidades dos mesmos, sendo que, para tanto, esses deverão possuir: “notório saber reconhecido pelos respectivos sistemas de ensino para ministrar conteúdos de áreas afins à sua formação” (BRASIL, 2016).

Essa perda do espaço social para profissionais de outros campos gera o enfraquecimento do campo da docência, que, não possuindo objeto de estudo definido e nem instituições que validem a profissão enquanto tal, não pode ainda outorgar-se o *status* de profissão, mas se coloca apenas como uma ocupação.

Para mudar este cenário, segundo Borba (2010), é preciso que os pesquisadores da temática da docência se empenhem em estabelecer um objeto de estudo único e próprio, que não seja compartilhado com nenhum outro campo do saber ou profissão. Com isso, fortalecerá suas instituições, que terão autonomia para gerir os estudos daquele objeto e para oferecer os diplomas e mandatos apenas para os seus profissionais.

Sobre isso, Borba (2010) vai dizer ainda que a escolha desse objeto próprio da docência deve estar necessariamente ligada às dimensões teóricas e práticas da ação educativa, pois não há prática educativa fora da união dessas duas dimensões. Para isso, é preciso se voltar ainda para as demais áreas das ciências humanas, uma vez que muitas delas compartilham as mesmas dificuldades da área de docência, e nelas podem estar a chave para a solução da problemática em questão.

Seja para manter o espaço de poder em torno do objeto de pesquisa ou para descobrir qual é esse objeto, se faz necessário, antes de mais nada, que a pretensa profissão docente possua instituições socialmente reconhecidas, que ajudem a chancelar os agentes capazes de atuar naquele campo (pela diplomação e mandato), ajudando a garantir o espaço da profissão ao determinar que pessoas de fora do campo, não tendo diploma e mandato, não conheçam os processos de pesquisa ou objetos a serem analisados, e, portanto, não possam atuar como profissionais da área.

Se a noção de campo de Bourdieu estabelece que as profissões e diferentes áreas do saber precisam estar fundamentadas não apenas em *habitus* (reconhecimento social enquanto profissão), mas também em organizações burocráticas que controlem aquela profissão, é preciso indagar quem são essas organizações no caso da profissão docente. Uma hipótese é a de que as principais instituições a realizarem esse papel são as sociedades científicas educacionais.

As sociedades científicas educacionais e a criação dos campos docentes: o exemplo da SBEM

Utilizando o exemplo da docência em matemática, quais seriam as entidades ou organizações que ajudariam nas pesquisas de busca de um objeto de estudo específico

para essa disciplina? Quais entidades atuariam para além da formação desses profissionais (papel da universidade), ajudando na criação de uma *habitus* social pela divulgação de saberes científicos da matemática ao grande público, realizando eventos, palestras, olimpíadas e outras atividades? Quais as entidades que, além de pensar em termos de ensino e pesquisa também se articulam para garantir a manutenção do campo no jogo de forças sociais, atuando politicamente frente às discussões educacionais do país? Respondendo a essas questões, propõe-se que as entidades que melhor têm cumprido esses papéis, juntamente com as universidades, são as sociedades científicas educacionais.

Observa-se que a dificuldade em responder a essas questões é justamente o que enfraquece o campo profissional da docência, pois não há campo estabelecido sem que se tenham estruturas sociais hierarquizadas para resguardarem o espaço do campo social daquela determinada profissão, não havendo forma de resguardar um saber sem que se saiba qual saber é esse (se não se conhece o objeto de pesquisa próprio da profissão).

Esse é o caso da docência, uma vez que, não tendo consenso sobre os seus objetos específicos de pesquisa e nem instituições que respondam por essa profissão, não encontra um reconhecimento dentro do *habitus* social. Ao contrário de outras profissões mais estabelecidas, como a Medicina ou o Direito, que possuem objetos de pesquisa determinados, instituições e conselhos firmes e reconhecimento social quanto à suas práticas e limites de atuação.

Enquanto os objetos de estudo da Medicina são o corpo humano, seus sistemas e potenciais doenças, e o objeto de estudo do Direito são as leis, quais seriam os objetos de estudo da docência? Ou, no caso particular, quais seriam os objetos de estudo da docência em matemática? Seriam apenas os saberes matemáticos? Se assim for, então engenheiros e demais profissionais das exatas também são potenciais educadores matemáticos (já que conhecem tanto quanto os matemáticos em termos de teoria matemática), e isso retira a especificidade do campo, retirando o seu *status* de campo e de profissão.

Se, por outro lado, o que garante o *status* de educador matemático for o conhecimento de teorias de ensino e de aprendizagem, ou de didática, então pedagogos e demais licenciados também estão aptos a serem educadores matemáticos. Mais uma vez, retirando a especificidade do campo.

Essa busca por um objeto para a docência em matemática não é recente, Valente, Bertini e Morais (2021) afirmam que desde o ano 2000 diversos pesquisadores têm trabalhado em projetos coletivos de pesquisa envolvendo a História da Educação Matemática, especialmente a partir de uma discussão bastante importante para o campo, que é a distinção entre uma “matemática a ensinar” (a matemática como objeto de ensino dos professores), e uma “matemática para ensinar” (uma matemática como ferramenta do exercício da docência).

Distinções como essa, de uma matemática para e a ensinar, que não parecem fazer muito sentido à primeira vista para pessoas de fora do campo, são exemplos da busca dos profissionais da área em delimitar o objeto de estudo da Educação Matemática. Isso mostra que já há algumas décadas busca-se criar um conhecimento próprio para o campo, esotérico, como sugere Machado (1995), pensando em nuances e profundidades de questões do ensino da matemática que outras áreas de exatas não pensariam.

Essas discussões precisam ser feitas não somente pelos educadores matemáticos, mas também por pesquisadores e entidades que deem sustentação a essa profissão, como as sociedades científicas. Algo importante para cumprir com o papel de comunidade que uma profissão precisa estabelecer.

Para Bourdoncle (2022), as profissões são caracterizadas pela comunidade formada da união de seus membros, sendo esses afetados de dois modos por essa comunidade: primeiramente pela afecção a sua própria natureza, em que ganham prestígio social, renda e autonomia; e, em seguida, sendo protegidos pelos mecanismos de defesa e promoção da profissão.

As sociedades científicas são mecanismos dessas comunidades, atuando nesses dois níveis e em outros. No caso da Educação Matemática, uma das entidades que melhor tem cumprido esse papel, e que foi escolhida para exemplificar a questão proposta, é a Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM).

De acordo com o portal da instituição na internet, a SBEM (2023) tem como finalidade buscar o desenvolvimento e a formação matemática de todo cidadão brasileiro, ajudando a constituir o campo da Educação Matemática pelo estímulo às pesquisas desenvolvidas nesta área. Para tanto, a SBEM atua como centro de debates sobre a produção na área e propicia o desenvolvimento de análises críticas dessa produção.

Em sua organização interna, abriga quinze Grupos de Trabalho (GT) que se reúnem, a cada três anos, no Seminário Internacional de Educação Matemática - SIPEM, e se dedicam aos campos de:

GT01- Matemática na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental; GT02- Educação Matemática nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio; GT03- Currículo e Educação Matemática; GT04- Educação Matemática no Ensino Superior; GT05- História da Matemática e Cultura; GT06- Educação Matemática: Tecnologias Digitais e Educação a Distância; GT07- Formação de professores que ensinam Matemática; GT08- Avaliação em Educação Matemática; GT09- Processos cognitivos e linguísticos em Educação Matemática; GT10- Modelagem Matemática; GT11- Filosofia da Educação Matemática; GT12- Ensino de Probabilidade e Estatística; GT13- Diferença, Inclusão e Educação Matemática; GT14- Didática da Matemática; GT15- História da Educação Matemática (SBEM, 2023, on-line, s/p).

Neste sentido, observa-se que a entidade é uma das que atuam pela consolidação dos saberes da docência em matemática, propondo grupos de pesquisa sobre o tema e amparando pesquisadores que desejem seguir nesta seara. Além disso, atuam ativamente em nome do fortalecimento do poder dos educadores matemáticos dentro do campo de forças do ensino em geral, o que pode ser observado por suas manifestações públicas de posição frente a legislações educacionais e decisões governamentais em torno da Educação Matemática ou da profissão em si.

Sobre isso, a SBEM (2023) manifesta-se corriqueiramente sobre as mais variadas questões que envolvem o ensino da matemática, como é o caso do seu posicionamento cauteloso quanto às Diretrizes Curriculares Nacionais e Base Comum para a Formação Inicial e Continuada de Professores da Educação Básica (MEC):

Afirmamos nossa sintonia com a visão apresentada pela ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, a qual destaca que o professor é uma pessoa que marca a vida de outras pessoas, que faz a diferença na vida de crianças, de jovens e de adultos, o que é possível justamente porque a prática educativa enquanto prática social não é homogênea, mas contextual, plural e diversa (SBEM, 2023, on-line, s/p).

Diante disso, é possível dizer que as sociedades científicas possuem um grande papel no estabelecimento dos campos da docência, ainda bastante precários, incertos e pouco delimitados, pois atuam não apenas junto às pesquisas que visam encontrar e detalhar os objetos de pesquisa da profissão, mas ainda de forma política e social para difusão desses campos, e seus saberes, bem como para o fortalecimento de seus espaços na sociedade.

Conclusão

A investigação sobre a noção de campo em Pierre Bourdieu, aplicada ao contexto da profissionalização docente, revelou a importância das sociedades científicas educacionais na consolidação e fortalecimento desse campo. Podendo ajudar em diversas etapas e necessidades para a concretização do processo de profissionalização da docência.

Esse estudo verificou que a profissionalização da docência ainda não foi conquistada, pois esse campo ainda precisa conquistar alguns requisitos como a definição de um objeto próprio de estudo, bem como o fortalecimento de instituições que validem a profissão e seus profissionais, de modo inequívoco.

Nesse sentido, e pensando no exemplo específico da docência em matemática, as sociedades científicas educacionais têm o papel de criar um espaço de comunidade e consolidação dos saberes desse campo de estudo, proporcionando debates, pesquisas e análises críticas na área. Além disso, precisam atuar politicamente em prol do fortalecimento do poder dos educadores matemáticos no campo social, influenciando discussões educacionais e políticas governamentais.

O exemplo da Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM) demonstra como essas entidades têm contribuído para o desenvolvimento e a formação de educadores matemáticos no Brasil. Por meio de grupos de trabalho, a SBEM promove debates sobre o ensino, a pesquisa e a formação de professores em diferentes áreas da Educação Matemática. Além disso, posiciona-se frente a questões educacionais, defendendo a diversidade, a contextualização e a autonomia dos professores na prática educativa.

Conclui-se, portanto, que as sociedades científicas educacionais são fundamentais para o estabelecimento e a profissionalização da docência em matemática, atuando como importantes mediadoras no campo de forças do ensino. Seu papel vai além da pesquisa e da formação, abrangendo a difusão de saberes (criação de *habitus* na sociedade), o fortalecimento da comunidade e a defesa dos interesses dos educadores matemáticos. Mostrando que para a consolidação da docência como uma profissão devidamente reconhecida e valorizada socialmente, é imprescindível o contínuo apoio e engajamento dessas entidades.

Referências bibliográficas

- ANGELIN, P.E. Profissionalismo e profissão: teorias sociológicas e o processo de profissionalização no Brasil. **REDD – Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v.3, n.1, jul/dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/redd/article/view/4390>. Acesso em 13 de julho de 2023.
- BORBA, S. A construção teórica do real: uma questão para a produção do conhecimento em educação. **Currículo sem Fronteiras**, v.10, n.2, pp.23-37, Jul/Dez 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/71766>. Acesso em 12 de julho de 2023.
- BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983(a). p.122-155.
- BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (Org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983 (b), p.46-81.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. Tradução: Mariza Corrêa. São Paulo: Papyrus, 1996.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDONCLE, R. Profissionalização, formas e dispositivos. IN: LIMA, E. B.; FORTALEZA, F. J. S.; LANDO, J. C. **O saber profissional: história e perspectivas atuais do ensino de matemática nos primeiros anos escolares**. São Paulo: Livraria da Física, 2022.
- BRASIL. **Medida Provisória nº 746, de 22 de setembro de 2016**. 2016. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/medpro/2016/medidaprovisoria-746-22-setembro-2016-783654-publicacaooriginal-151123-pe.html>. Acesso em 01 de setembro de 2023.
- DINIZ, M. **Os donos do saber: profissões e monopólios profissionais**. Rio de Janeiro: Revan, 2001.
- HOFSTETTER, R.; SCHNEUWLY, B. “Profissionalização” e formação de Professores: uma tipologia dos saberes de referência para a docência. IN: VALENTE, W.R. (org.). **Ciências da Educação, Campos Disciplinares e Profissionalização: Saberes em debate para a formação de professores**. São Paulo: Livraria da Física, 2020.
- MACHADO, M.H. Sociologia das profissões: uma contribuição ao debate teórico. IN: MACHADO, Maria Helena (org.). **Profissões de saúde: uma abordagem sociológica** [online]. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995, pp. 13-33.
- ORTIZ, R. (Org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

SBEM. **Site da Sociedade Brasileira de Educação Matemática**. [Online, 2023]. Disponível em: <http://www.sbemrasil.org.br/sbemrasil/> . Acesso em 16 de julho de 2023.

VALENTE, W.R.; BERTINI, L.F.; MORAIS, R.S. Saber profissional do professor que ensina Matemática: discussões teórico-metodológicas de uma pesquisa coletiva em perspectiva histórica. **Rev. Bras. Hist. Educ.**, v.21, e.161, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/219780>. Acesso em 17 de julho de 2023.